

mas funcionam como que por inércia, pois quase ninguém consegue ter cabeça e disposição para tocar ou abordar qualquer problema novo.

Neste ano é capaz que tenhamos algumas novidades nesse período, vindas da área governamental, eis que a questão do déficit da Previdência Social e dos orçamentos das empresas estatais, para o próximo ano, não chegou a ficar equacionada.

É possível que estejamos enganados, mas se porventura as autoridades econômicas estiverem mantendo no forno algum panetone pouco palatável para a opinião pública, com referência àquelas duas questões, não há dúvida de que esta semana que entrará a mais propícia à apresentação da obra, uma vez que os espíritos estarão, na sua maior parte, totalmente alheios aos acontecimentos administrativos. O ministro Galvêas, aliás, na entrevista que publicamos hoje, não deixa qualquer dúvida sobre a gravidade da situação das estatais.

Não vamos porém deter-nos em vaticínios, mas sim aproveitar o momento de relativo descanso dessa agitação febril das últimas semanas para uma olhada por cima dos ombros no ano que passou.

Há um ano atrás, neste mesmo momento, estávamos sem dúvida em situação um pouco mais aflitiva e problemática do que agora. O índice de inflação no mês de dezembro do ano passado alcançara quase 6 por cento e a sua acumulação em doze meses consecutivos subira a 110 por cento, com tendência à aceleração. De fato, o índice anual de inflação continuaria aumentando de maneira bastante preocupante até março de 1981, quando alcançaria o ponto máximo de 121,2 por cento.

De lá para cá, a situação entraria a melhorar no que se refere a este indicador, e encontramos agora prestes a fechar o mês de dezembro com um índice de inflação que provavelmente será inferior a 5 por cento, enquanto o índice anual será de 95 por cento ou um pouco maior.

Não se trata, obviamente, de uma extraordinária vitória, mas pelo menos temos como perspectiva, daqui por diante, uma redução continuada da inflação, pois, ao menos no horizonte visível e previsível, não existe no momento nenhum novo fator com possibilidades de fazê-la disparar outra vez.

Mesmo as dúvidas suscitadas pelo recentemente aprovado orçamento monetário não chegam a modificar as expectativas de queda de inflação. Apenas se poderia dizer, talvez, que ela não deverá cair tanto quanto seria possível, caso a programação monetária fosse mais segura. Mas não há sinais de que volte a acelerar-se.

Outro problema que se modificou radicalmente, para melhor, no correr do ano, foi o da conta de comércio externo. Em dezembro do ano passado havíamos acumulado um alarmante déficit de mais de 2,8 bilhões de dólares nessa área, e, pior que isso, não se tinha nenhuma garantia de que ele pudesse ser reduzido a curto prazo.

Agora, o quadro é muito mais folgado e principalmente promissor, uma vez que acumulamos um superávit de mais de um bilhão de dólares e registramos, além disso, um panorama de estabilidade quanto ao principal fator de tumulto nesse terreno, qual seja, as cotações internacionais do petróleo.

É verdade que não tivemos um desempenho excepcional das exportações e sob esse aspecto ainda temos de trabalhar muito, pois, como costuma observar o presidente da Associação dos Exportadores Brasileiros, Laerte Setúbal, e outros analistas, o Brasil ainda está apenas engatinhando no seu comércio exterior, que comparativamente ao PIB nacional é exíguo e poderia crescer extraordinariamente. Fomos forçados, isso sim, para reequilibrar a conta de comércio, a restringir de maneira brutal as importações, que, em termos reais, e excetuado o petróleo, diminuíram em comparação com o ano passado. Essa não é, obviamente, a maneira mais saudável de equilibrar as contas externas, pois, na verdade, exige uma permanente contenção das atividades produtivas internas em praticamente todos os setores significativos.

Esse, aliás, foi o calcanhar de Aquiles da economia brasileira durante o ano de 1981. Talvez não seja possível dizer que tenha sido o pior ano de nossa história econômica, em termos de desempenho do mercado e utilização da capacidade produtiva, principalmente na indústria — mesmo porque não há registros confiáveis sobre isso para os anos que antecederam a criação da Fundação Getúlio Vargas. No entanto, foi certamente o pior período desde que esses registros foram desenvolvidos a partir de 1948 e ficou marcado como um ano inédito, isto é, de decréscimo global da produção de bens e serviços.

O período de festas do final de ano, agindo mais ou menos como um analgésico, certamente mascarou a dor social resultante daquele traumatismo econômico não apenas porque a produção parou de cair, mas também porque, psicologicamente, as pessoas se sentem menos inclinadas, em dezembro, a curtir aflições.

Não sabemos de que modo, e com que amplitude, o presidente da República tocará neste assunto em seu discurso de encerramento do ano nesta semana. Diríamos, porém, que a melhor política seria a de não tentar tapar o sol com a peneira e de reconhecer corajosamente que o governo, por circunstâncias diversas, foi obrigado a impor sacrifícios enormes à população e às empresas em geral.

O saldo final de 1981 é, em suma, uma economia mais ajustada e talvez menos vulnerável no seu conjunto, mas operando em marcha lenta, com o setor privado (e mais dinâmico) praticamente acuado e com o governo assumindo uma presença ainda mais ampla e mais marcante que em outros tempos. Esse talvez seja o maior problema resultante deste ano crítico: o aumento da participação do Estado na economia, apesar dos desejos e das débeis tentativas do próprio presidente da República de reverter essa tendência. Aí está a situação catastrófica das empresas estatais, referida por Galvêas em sua entrevista, e aí estão os dados realmente espantosos da dívida interna do governo a advertir-nos contra qualquer otimismo extemporâneo. 1982 certamente não será pior que 1981. Mas será ainda um ano muito difícil. Mas isso é tema para um próximo comentário.

Um ano crítico para a economia brasileira

Entre o Natal e o Ano Novo a economia e o mundo dos negócios não param, evidentemente,

28 DEZ 1981

Journal da Tande